

OS SUBGÊNEROS DO FUNK PAULISTA: VERTENTES DO FUNK DE SP

Palavras-Chave: FUNK, MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, CULTURA PERIFÉRICA

Autoras:

YASMIN MATIAS SILVA, IA - UNICAMP

Prof^ª. Dr^ª. SUZEL ANA REILY (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O funk no Brasil, de origem carioca, é um gênero popular atual e em emergente produção. Desde sua consolidação enquanto gênero musical até os dias de hoje, ocorreram mudanças em aspectos que o tangenciam: sua aceitação social, a popularização da estética que envolve o gênero e a legislação que rege seus eventos. Sua origem periférica, urbana e carioca fez com que o gênero conquistasse as periferias litorâneas de São Paulo pouco tempo depois de estabelecido no Rio de Janeiro. Inicialmente na Baixada Santista, depois na capital e se espalhando pelo interior, o funk paulista constrói sua própria história, emancipado da forma carioca de consumo e produção musical, a partir das vivências específicas que as periferias do estado têm, além de influenciado por outras linguagens artísticas. Essa autonomia do gênero ficou estabelecida durante a palestra ministrada pelos Djs: MU540, Caio Prince, Bonekinha Iraquiana e Thiago Martins, onde abordaram o tema do funk paulista na perspectiva deles, chamada “Funk: História e produção” realizada em 2023 na Unicamp, sendo norteadora desta pesquisa.

A pesquisa consistiu em, baseada em conceitos de gênero e subgêneros musicais, separar e categorizar quais são as vertentes de produção de funk originadas, produzidas e consumidas no estado de São Paulo e como isso se relaciona com o espaço dos bailes, sua comunidade e sua estética sonora, a partir de referências bibliográficas sobre o assunto, referências musicais, observação de diversos bailes e entrevistas com pessoas integrantes da comunidade funkeira paulista.

METODOLOGIA:

A partir de “uma teoria de gêneros musicais” do musicólogo Franco Fabbri (1981), a pesquisa buscou estabelecer os limites dos termos usados para diferenciar e definir aqueles até então entendidos como subgêneros do funk paulista. São eles:

- **funk consciente;**
- **funk ostentação;**

- **funk mandelão;**
- **funk bruxaria;**
- **funk ritmado;**
- **funk automotivo.**

Num primeiro momento da pesquisa, esse limite foi desenhado a partir de referências bibliográficas que tangenciam as formas diferentes de produção do gênero no estado de São Paulo, entendendo que a espontaneidade de um gênero musical e seus subgêneros atuais estão propensos a mudanças e ambiguidades. Além da bibliografia, foi levantada uma série de referências musicais.

A parte prática da pesquisa consistiu em recolher entrevistas com pessoas pertencentes à comunidade funkeira, a fim de entender o que para eles cada um dos subgêneros encontrados têm de características sonoras e onde eles costumam ser tocados e ouvidos. Somada às entrevistas, presenciar bailes funk também contribuiu para a construção dos limites desses subgêneros do funk paulista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Com o levantamento bibliográfico, foi possível visualizar historicamente a ascensão do funk dentro do estado e com as entrevistas e pesquisa de campo, elencar especificidades sonoras para cada subgênero. O funk carioca teve início dentro das periferias cariocas nos Bailes da Pesada, por volta da década de 70 (VIANNA, 1988). Com as letras pornográficas e batida dançante que o funk carioca trazia nas décadas iniciais do gênero, os rappers paulistanos, que naquele momento expunham em suas músicas as desigualdades sociais e precariedades cotidianas experienciadas pela população periférica (GOIS, 2024), se opuseram ao gênero. Assim, a primeira vertente de funk retratada em produções paulistas seja o **funk consciente** (ou funk de relato), com produções famosas como “Diretoria” do MC Primo com o DJ Marlboro, lançada em 2002 e “Cai Lágrimas” do MC Duda do Marapé de 2005, com temas similares aos dos raps. Apesar de porta de entrada do gênero no estado, o funk consciente não fica no passado, tendo como exemplo MC Hariel lançando diversos funks conscientes até hoje, como é o caso de “Ilusão (Cracolândia)” de MC Hariel, Alok, Djay W, MC Davi, MC Ryan SP e Salvador da Rima de 2020. Esse subgênero tem como característica a importância da letra que o MC canta, normalmente sendo o canto e o beat elaborados em união, a fim de favorecer a mensagem da letra que se relaciona com a realidade periférica, com acompanhamento de um beat mais simples com o ostinato do funk bem marcado.

Mais adiante, em meados da década de 2010, surge uma linguagem que caracteriza e diferencia o funk paulista dos outros produzidos em outros estados, o **funk ostentação**. Relacionado à repreensão dos funks proibidos¹, o funk ostentação pode ter surgido a fim de ser um “permitidão” (PEREIRA, 2010), que ao invés de apologia a crimes e facções, o funk ostentação faz apologia a itens de luxo e ao sucesso obtido pela ascensão social que os artistas de funk passam a ter. Como exemplo

¹ Funks que fazem apologia às facções criminosas, subgênero que surgiu no Rio de Janeiro mas também foi bastante produzido em São Paulo, especialmente na Baixada Santista em meados da virada do milênio (PEREIRA, 2010).



Figura 1 - Capa do single "Plaque de cem" do MC Guimê, lançado em 2012 tendo seu clipe produzido pelo canal Kondziila com 90 milhões de visualizações.

Link: https://www.youtube.com/watch?v=ovXbeC0Dx88&ab_channel=MCGuim%C3%A4

"Bonde da Oakley" do MC Juninho e "Bonde da Juju" do Backdi e Bio G3, ambas de 2008 que marcam o início deste subgênero (Machado, 2023). Outros exemplos famosos são "Plaque de Cem" de 2012 do MC Guimê e "Ostentação Fora do Normal" de MC Daleste de 2013. MC Daleste, grande nome do funk paulista e deste subgênero, é símbolo da violência que persegue a cultura do funk, tendo sido assassinado a tiros durante um show em Campinas em 2013. Daleste é da Zona Leste da capital paulista e ainda é muito ouvido e reverenciado pelos fãs e bailes da região. Assim como o consciente, este subgênero tem a letra como protagonista nos fonogramas, acompanhada de um beat com o obstinado da linguagem, mas já possui

alguns sons esporádicos que remetem à ostentação. Esse subgênero é entendido pelos fãs como a linguagem que permite ao favelado sonhar, acreditar e correr atrás. É um subgênero cujas letras acabaram por construir a estética dos funkeiros, com menções a marcas.

Ao decorrer da segunda metade da década de 2010, o funk foi se popularizando cada vez mais e alguns fonogramas viraram hits como música pop, como é o caso de "Baile de Favela" do MC João (2016), "Vai Embrazando" de DJ Yuri, MC Vigary e MC Zaac (2017) e "O Grave Bater" de Kevinho (2017). Nesse momento, o sucesso de algumas músicas e artistas construíram a ideia de funk *mainstream*: o funk que chega a milhares de pessoas, que viraliza. A partir desse momento a linguagem ultrapassa os limites da periferia e passa a ser mais consumida por outras classes sociais que não necessariamente frequentam bailes funk.

O **funk mandelão** é entendido como termo guarda-chuva. Com a popularização do funk, sua ascensão social e midiática, a relação entre os fonogramas que fazem sucesso nas plataformas digitais passaram a se diferenciar das músicas que estão tocando nos bailes funk do estado. Essa vertente surge como um contraponto ao funk mainstream, opondo-se ao funk comercial e fazendo funks mais experimentais. Diferentemente dos subgêneros anteriores, neste as letras não são tão importantes quanto os sons mixados pelos djs e produtores, sendo a parte vocal muitas vezes



Figura 2 - Capa do álbum Mandelãoworld - DJ Blakes lançado em 2024 nas plataformas digitais pelo selo Hype do Funk.

Link: https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E7RnGO1g17vESHMAIT3v2si-gP2w510iQYQkpF8TCL1_nQ

acapella² ou samples. Nesse subgênero, a criatividade dos djs e produtores se sobressaem à necessidade de passar uma mensagem com a letra. Um exemplo é o álbum “Mandelãoworld” (2024) do Dj Blakes, cujas faixas têm nomes que se relacionam aos outros subgêneros desse guarda-chuva e a inspiração e samples vêm do álbum “Astroworld” (2018) do rapper estadunidense Travis Scott.

O **funk bruxaria** parece ter surgido na mudança da década de 2020 no cenário de bailes funk do estado de São Paulo, sendo principalmente consumido e produzido na zona Sul da capital e em ambientes universitários. A vertente parece ter relação com a tragédia que aconteceu em 2019 num baile funk do bairro Paraisópolis, na cidade de São Paulo (Cymrot, 2022); há uma instauração de clima sombrio que este subgênero constrói em suas faixas. Com risadas de palhaço, menção a um

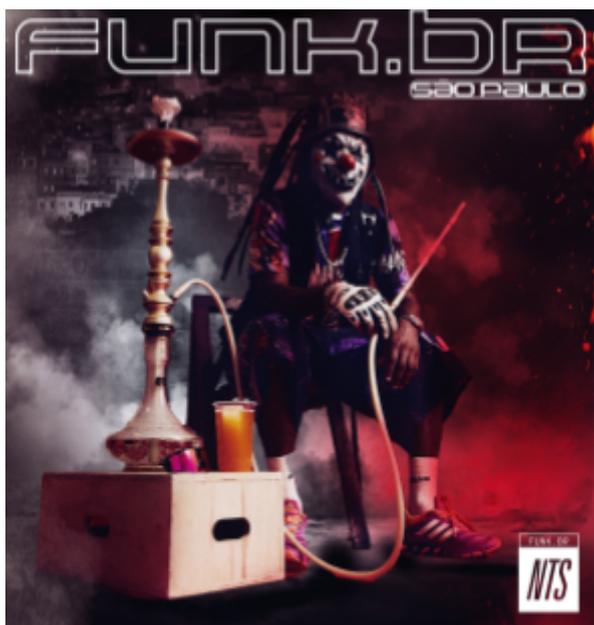


Figura 3 - Capa do álbum funk.br São Paulo, lançado pela NTS em 2024.

Link:

<https://open.spotify.com/album/54humbnWQ0T7muZxMLwP?si=QCiaRPmTayWgsQ38m90Vg>

submundo, um beat bastante eletrônico e sons de guitarra ou teclado de ambientação, efeitos sonoros criando diversos momentos diferentes de beats e construindo mudanças musicais inesperadas para o público. É entendido por alguns dos entrevistados como música experimental periférica. Um exemplo famoso é “Submundo Amedrontado” de Dj Thiago Martins e Bonekinha Iraquiana, faixa do álbum funk.br São Paulo (2024).

O **funk ritmado** é caracterizado como o funk mais comum em bailes da zona norte da cidade de São Paulo, com o conteúdo textual bastante sexual, contém bastante subdivisão rítmica, o que traz a sensação de um funk mais ritmado quando comparado aos outros subgêneros. Nele aparecem várias compilações de

samples de músicas já existentes e a criação de paródias de melodias de músicas famosas, o que auxilia a construção de envolvimento do público com as faixas. Essa vertente é especialmente dançante e a expectativa do ouvinte é respeitada. Um exemplo é “Ritmada Interestelar” de DJ DUARTE, MC Lipivox, DJ Kayo Original e MC Romdom (2024).

O **funk automotivo** parece ser o subgênero com menor quantidade de regras específicas. Muito relacionado ao andamento acelerado, para além disso, seu nome é relacionado com o ambiente dos automóveis: ora sendo entendido como o funk para tocar nos alto falantes de carro, ora relacionado ao gênero de música estadunidense, *garage house*. As faixas nomeadas de automotivas costumam ser aceleradas e com delay no beat. Como “Automotivo Místico” do Dj Blakes, Mc Gw e Mc Magrinho (2021).

² Acapellas são faixas de voz solo, disponibilizadas no SoundCloud por MCs para que os Djs e produtores adicionem em suas produções. É comum que o MC dono de algumas acapellas nem conheça todas as músicas que utilizam as suas acapellas.

CONCLUSÕES:

A pesquisa atingiu os objetivos a que se propôs, explicitando melhor as diferenças entre cada um desses subgêneros levantados. É claro que chegar a esses resultados não significa a impossibilidade dos artistas de subverter novamente a funcionalidade desse esquema de características, regiões de consumo e estética sonora, mas a existência dele reforça a importância do funk paulista na vida de diversas pessoas, sejam os artistas cada vez mais consagrados, ou às pessoas que o escuta e se sente representado, se diverte de diferentes formas a partir da construção dessa gama complexidades que envolvem o gênero.

É interessante ver o desenvolvimento do gênero no recorte do estado para entender como ele tem sido consumido e incluído dentro da realidade cultural paulista. A música periférica permanece sendo feita e consumida independentemente da aceitação de outras classes, e esses subgêneros estudados demonstram a variabilidade e a complexidade da produção na qual esses fonogramas podem estar propensos.

BIBLIOGRAFIA

- CYMROT, Danilo. **O Funk na Batida: baile, rua e parlamento**. Edições Sesc São Paulo, 2022.
- FERNANDES, Tico. **The Beat Diaspora - Episódio 01 - Funk Paulista**. Canal Kondzilla, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sWGE8ab0wuA&ab_channel=CanalKondZilla acessado em fevereiro de 2025.
- MACHADO, Hugo Teixeira Carrião. **“Avisa que é funk”: o discurso consciente de MC Hariel como proposta democrática**. Departamento de Jornalismo da UFOP, Mariana, 2023.
- MATOS, Mara Mendes de. **DDD 11 AQUI: então, toca mandelão: Um podcast sobre funk mandelão, subgênero do funk que ganha cada vez mais relevância entre os jovens paulistas e no mundo**. Departamento de Jornalismo da ECA/USP, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.usp.br/radiojornalismo/index.php/2024/06/08/tcc-ddd-11-aqui-entao-toca-mandelao/#~:text=%2B%20Mas%2C%20seja%20na%20forma%20de,pelo%20MC%20Kekel%20naquela%20m%C3%BAlica%E2%80%A6> acessado em fevereiro de 2025.
- PAIVA, Deslange; TITO, Fábio. **Bruxaria e ritmado: funk varia de acordo com região da cidade de SP; entenda as diferenças**. Reportagem do G1 São Paulo, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/05/23/bruxaria-e-ritmado-funk-varia-de-acordo-com-regiao-da-cidade-de-sp-entenda-as-diferencas.ghtml> acessado em fevereiro de 2025.
- PEREIRA, A. B. (2014). **Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação**. Revista Estudos Culturais, 1(1), 1-18. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2446-7693i1p1-18> acessado em fevereiro de 2025.
- SANTOS, Rafael Ribeiro de. **Funk ostentação, imagens de consumo**. CELAC/ECA - USP, São Paulo, 2014.
- SANTOS. **Morre DJ Baphafinha, um dos ícones do funk no litoral de SP**. Reportagem do G1 Santos, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2023/07/30/morre-dj-baphafinha-um-dos-precursore-s-do-funk-no-litoral-de-sp.ghtml> acessado em fevereiro de 2025.
- SILVA, Yasmin de Gois. **A ORIGEM DO FUNK PAULISTA: surgimento, influências e características**. Instituto de Artes da Unesp, São Paulo, 2024.
- VIANNA, Hermano. **O mundo Funk carioca**. Editora Jorge Zahar, 1988.